



PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA NA ALFABETIZAÇÃO: EXPERIÊNCIAS DE UMA RESIDENTE

Stefany Moreira Santos*
Solange Gomes Vieira**
Denise da Silva Braga***

RESUMO:

O presente relato tem o propósito de expor e destacar experiências significativas durante os dezoito meses do Programa Residência Pedagógica (PRP) com o Subprojeto “Pedagogia: Alfabetização”, na Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM). Apresentarei e discutirei a minha intervenção, como residente, nos dois primeiros módulos do PRP, que foi constituída remotamente por decorrência da Pandemia de COVID-19 e da suspensão do ensino presencial. Entre as experiências realizadas no PRP, destaco a observação do processo de alfabetização e as práticas pedagógicas utilizadas pela preceptora que tanto contribuíram para a minha formação na licenciatura. Considero que os resultados obtidos durante a participação no Programa são fundamentais, à medida que possibilitam relacionar, no contexto da ação, a teoria e a prática.

PALAVRAS-CHAVE: Residência Pedagógica. Intervenção Pedagógica. Alfabetização.

*estefanyms@hotmail.com

** solpreceptorajalira@gmail.com

***denise.braga@ufvjm.edu.br

Introdução

Os anos de 2020 e 2021 foram marcados pela pandemia de COVID-19 o que, em vários momentos, afetou e transformou a vida de todas as pessoas. Os altos índices de contaminação e óbitos ocasionados pela pandemia exigiram um redimensionamento da vida social, o que implicou em medidas sanitárias como o isolamento e o distanciamento social. Essas medidas acabaram por desencadear alterações no funcionamento das instituições, entre elas, a escola que foi obrigada a suspender as atividades presenciais, substituindo-as pelas atividades remotas, inclusive as aulas.

A minha experiência de vida durante este período foi afetada por tribulações e instabilidade o que, evidentemente, modificou o meu percurso e objetivos pessoais, principalmente na vida acadêmica. Entretanto, uma experiência edificante e positiva em meio ao caos foi a minha classificação no Programa Residência Pedagógica, que proporcionou mudanças significativas para a minha vida na universidade e para o meu projeto de futuro profissional.

O foco desse relato é registrar e evidenciar a relevância do desenvolvimento do PRP e a minha participação como residente. Dessa forma, contarei, primeiramente, as experiências nos primeiros módulos trabalhados remotamente, recapitulando os objetivos e adaptações do Programa para esse primeiro momento. A seguir, detalharei a regência presencial no mês de fevereiro de 2022, contabilizando 40 horas de prática em uma escola municipal da rede pública de ensino de Diamantina, onde observei e contribuí para o processo de alfabetização das crianças do 3º ano do Ensino Fundamental, conforme atribuição do subprojeto “Pedagogia: Alfabetização. Por conseguinte, e não menos importante, discutirei o referencial teórico voltado para a alfabetização nos anos iniciais, finalizando com a exposição da importância do PRP para o futuro dos educadores e para todo o sistema educacional, favorecendo a

formação continuada dos professores e o aperfeiçoando o currículo da escola básica e da formação de professores.

Experiências na escola no período do Ensino Remoto Emergencial

Como consequência da pandemia de COVID-19, as escolas, em todo o país se viram obrigadas a suspender as atividades presenciais e, com o intuito de garantir a continuidade dos processos de ensino e de aprendizagem, foi implementado o “ensino remoto emergencial”:

A nomenclatura ERE - Ensino Remoto está associada ao fato de professores e alunos estarem impedidos de frequentarem as escolas, cumprindo a exigência do isolamento social recomendado pelo Ministério da Saúde. Já o Emergencial é devido a rapidez em que as aulas foram suspensas e professores e alunos tiveram que se adaptarem a uma nova estratégia para a mediação dos conteúdos escolares (TOMAZINHO, 2020, n.p).

A minha experiência como residente no PRP se deu no contexto do ensino remoto emergencial e, dessa forma, além das aprendizagens necessárias para o desenvolvimento das atividades do Programa (formação teórica, ambientação, planejamento, regência, elaboração de relatórios, entre outras), tive, também, que aprender a trabalhar com novas ferramentas tecnológicas que seriam utilizadas para viabilizar o ensino. Para tanto, estudei materiais de fundamento do PRP, documentos da escola-campo, uso das tecnologias digitais no processo educação e as orientações da legislação para a oferta do ensino na modalidade remota. Tive consciência que não seria uma tarefa fácil, pois a consequência da pandemia transformaria todo o ambiente educacional em um “mundo virtual” incerto, mas necessário.

Os encontros, reuniões, atividades e formações foram feitos todos por meio digital, pela plataforma do Google Meet, que estruturou, temporariamente, o sistema educacional e a organização do PRP. O caminho da comunicação e formação se deu através dos meios tecnológicos que, na emergência da situação, resguardaram, em partes, a continuidade do ensino. A partir das tecnologias disponíveis para as interações virtuais, conheci a minha equipe de residentes, preceptores e orientadora. Confesso que foi frustrante não poder vê-los pessoalmente, me senti distante, mas

não deixei me abalar por isso, mantive a expectativa de que o Programa seria positivo para a minha formação de futura docente e, de certo, foi.

No contexto do ERE, os meios tecnológicos foram a solução para o início das atividades do PRP, porém, impasses foram surgindo na comunicação digital: a qualidade da internet não favoreceu a todos e a adaptação com as plataformas virtuais foi difícil e exaustiva, mas nada que nos fizesse desistir de acessar o conhecimento. O que facilitou foi a comunicação e o suporte, via WhatsApp, que sustentou a interação entre os residentes e a preceptora nesse período.

As práticas presenciais e o contato com turma e com a escola não foram possíveis no módulo I (primeiros seis meses) do PRP, o que prejudicou a organização e a consecução dos objetivos do Programa. Contudo, permaneceram firmes as formações e palestras que a coordenação institucional e o subprojeto estabeleceram e ofertaram para que fosse possível cumprir a carga horária obrigatória, ou seja, os seis meses iniciais aconteceram e consegui absorver conhecimentos e experiências únicas e fundamentais.

No mês de abril de 2021 iniciou o segundo módulo da Residência Pedagógica, seguindo com o formato remoto, mas já apresentando novas formas, recursos e estratégias para adequar as atividades ao mundo virtual e a esse segundo momento. A interação entre residente e escola se tornou produtiva, participei mais do ambiente escolar e das aulas e vídeos online. Em relação à escola percebi a afetividade demonstrada no acolhimento a todas as pessoas envolvidas no processo educativo, mesmo sendo de forma remota, tudo feito por intermédio da preceptora que sempre se preocupou em mostrar, não só os documentos específicos da docência, mas, também, o espaço físico da escola.

As propostas de atividades e intervenções pedagógicas para este segundo módulo sucederam em conjunto com as residentes, sendo assim, desenvolvemos vários vídeos educativos que serviram de atrativo para as crianças que passavam todo o tempo de estudo em frente a uma tela de computador ou celular; promovemos dinâmicas e brincadeiras entre os pais e as crianças, que atendiam o plano de ensino e, também, à realidade de cada criança e, dessa forma, obtivemos resultados satisfatórios.

Visando minimizar os prejuízos causados pelo ensino remoto, a preceptora propôs atividades lúdicas online, como plataformas, vídeos e sites educativos; apresentou um projeto de intervenção, tornando o material digital e impresso ofertado pelo governo (o Plano de Ensino Tutorado¹) algo mais flexível e produtivo. Colocamos em ação as propostas e ideias do grupo, pensando sempre no aluno e no desenvolvimento de cada um, acompanhando os trabalhos através das fotos que os pais enviaram (nos grupos do aplicativo WhatsApp) dos filhos fazendo as atividades. A avaliação foi se concretizando a partir da interação do aluno com as atividades, fazendo com que o meio tecnológico fosse inovador e bem utilizado para o ensino e a aprendizagem, tornando-se uma ferramenta cada vez mais eficiente no campo da educação.

Além disso, a tecnologia para o momento de isolamento social permaneceu sendo uma boa mediadora. Mesmo ocorrendo problemas de conexão e o uso da internet não chegando para todos, foi a partir das tecnologias digitais que o contato entre aluno e professor se concretizou. Acredito que as expectativas em relação à aprendizagem não tenham sido plenamente alcançadas pelos profissionais, pois exigem certo esforço e readaptação. Não se pode deixar de salientar que

A inserção das Tecnologias Digitais da Informação e da Comunicação na educação (TDICE) exige certa adaptação do suporte, dos que trabalham com a educação e do próprio sistema educativo. Ainda hoje existe uma discussão sobre os aspectos enriquecedores e aspectos que dificultam seu uso. Estas questões influenciam diretamente no processo de ensino-aprendizagem, o que exige, mais uma vez, uma avaliação de seus efeitos (BRAGA, 2013, p. 7).

A utilização das tecnologias digitais na educação abre um leque de possibilidades para ajudar crianças pais e professores através das ferramentas pedagógicas, mas são também um desafio. Se amplamente conhecidas, as tecnologias digitais da informação e comunicação (TDIC) podem ser integradas com eficácia nos processos educacionais e, assim, poderão oferecer bons suportes de diversificação do ensino

¹ O Plano de Ensino Tutorado (PET) se propõe a ser um material completo de apoio ao estudante, para que ele seja capaz de realizar as atividades e tarefas propostas mesmo sem o auxílio de um professor ou outros materiais de apoio (MINAS GERAIS, 2020).

Em suma, apesar dos desafios para a adaptação ao ensino remoto e ao uso das tecnologias digitais, os dois primeiros módulos do PRP acrescentaram muito a minha participação como residente e como futura educadora. No PRP aprendi a redirecionar o olhar em relação ao uso das tecnologias digitais em favor da educação. Esse tempo remoto foi desafiador, mas, ao chegar ao final, percebi que todo educador - por mais difícil que seja a situação e o tempo - consegue educar e ensinar.

O retorno presencial e a experimentação da regência no PRP

Nos anos de 2020 e 2021, as atividades do PRP aconteceram de maneira satisfatória, mesmo sendo afetado pelo período do ensino remoto. As dificuldades forma muitas, sobretudo, se considerada as especificidades das crianças em fase de alfabetização.

No final de 2021, com a ampliação da vacinação e o início da diminuição de óbitos decorrentes da infecção pela COVID-19, foi autorizado o retorno gradativo das atividades presenciais na escola. Embora muito aguardado por todos, alunos, pais e professores, foram necessárias várias adaptações, protocolos sanitários e, até mesmo, resistências para esse recomeço, que mais uma vez arriscaria e desafiaria a educação. Nesse sentido, torna-se claro que

É preciso planejar um retorno gradual guiado pelas orientações da vigilância epidemiológica e cumprir a carga horária curricular exigida por lei. Precisamos reavaliar os processos de ensino e aprendizagem online e de que forma serão recuperadas aprendizagens não realizadas, pois estamos considerando que nem tudo que foi ensinado foi realmente apreendido por todos os estudantes [...]. O termo todos recebeu destaque na frase anterior pois, desde uma perspectiva radicalmente inclusiva, nenhum estudante deve ser deixado à margem dos processos de ensino e de aprendizagem. Talvez seja preciso replanejar o processo formativo a médio/longo prazo com o coletivo de professoras e com a participação dos estudantes e suas famílias, readaptando os currículos escolares após o fim do afastamento social (DIOGO; ASSIS, 2021, p.503).

Embora ainda houvesse muita incerteza e receios quanto à contaminação pela COVID-19, de volta ao trabalho presencial, o corpo docente retomou os seus planejamentos e aulas e, conseqüentemente, os residentes do PRP também reorganizaram as suas atividades para que a regência, no último módulo, fosse

presencial. E assim se fez: residentes, preceptores e orientadora decidiram, conjuntamente, o que fazer e como fazer.

Seguindo o cronograma proposto, na segunda semana de fevereiro de 2022, desloquei da minha cidade e fui até Diamantina para acompanhar a turma e cumprir as 40 horas de regência. Comecei a atuar no período matutino ao lado da preceptora e de duas companheiras residentes. Logo no início já me senti muito acolhida e pude observar, no primeiro contato com a turma, que as crianças apresentavam várias peculiaridades e dificuldades de aprendizagem. Com isso, me senti ainda mais motivada para participar ativamente das atividades realizadas em sala, ajudando a professora e, também, os alunos, de forma muito interessada. Me atentei em criar um vínculo maior com as crianças, dialogando mais e observando cada uma com sua subjetividade.

Na sala de aula percebi a importância das interações presenciais, do planejamento e da produção de recursos didáticos a partir dos objetivos do trabalho pedagógico. No decorrer da regência, com a ajuda das demais residentes, consegui executar a atividade feita por mim, apresentei o material pedagógico e desenvolvi a atividade. O resultado foi tão satisfatório que os alunos pediram “bis”. Criei um vínculo muito grande com cada um, dei carinho e recebi carinho, presenciei momentos de brincadeiras, de alimentação, de conversa e momentos de “puxões de orelha” da professora. Identifiquei inúmeros problemas de aprendizagem, refleti e tirei as minhas próprias conclusões.

A questão do processo de alfabetização dos dezoito alunos em sala de aula me preocupou e me instigou a investir mais sobre o que causaria a dificuldade na alfabetização das crianças. Com essa busca, percebi que a alfabetização e o letramento estavam sendo incessantemente trabalhados pela professora, na tentativa de reverter o prejuízo do ler e escrever deixado pelo período remoto, porém as crianças ainda estavam dispersas e com muitas dificuldades em relação ao conteúdo.

O processo de alfabetização pode ser demorado e contém muitas facetas. Sendo assim, o investimento em pesquisas e planejamento da professora é necessário e fundamental para a obtenção de um resultado satisfatório. É preocupante pensar que o processo de ensinar, em muitas escolas, continua mecânico e hostil, por inúmeros fatores que englobam questões como: a formação dos profissionais de

educação; as imposições legais do sistema educacional, nem sempre coerentes com a realidade das escolas e dos estudantes; o descaso com a educação; as desigualdades sociais que refletem na aprendizagem.

Com um olhar aprofundado para a alfabetização da turma, compreendi que, assim como naquela realidade específica, os resultados em âmbito nacional para a alfabetização não eram satisfatórios, como exposto por Soares (2004):

É que, diante dos precários resultados que vêm sendo obtidos, entre nós, na aprendizagem inicial da língua escrita, com sérios reflexos ao longo de todo o ensino fundamental, parece ser necessário rever os quadros referenciais e os processos de ensino que têm predominado em nossas salas de aula, e talvez reconhecer a possibilidade e mesmo a necessidade de estabelecer a distinção entre o que mais propriamente se denomina letramento, de que são muitas as facetas – imersão das crianças na cultura escrita, participação em experiências variadas com a leitura e a escrita, conhecimento e interação com diferentes tipos e gêneros de material escrito – e o que é propriamente a alfabetização, de que também são muitas as facetas (SOARES, 2004, p. 15).

Tendo em vista o que foi mencionado, certifiquei-me que o alfabetizar na prática, em uma turma com dezoito alunos, após dois anos de pandemia e ensino remoto não é tarefa fácil. Vivenciei vários momentos em que a professora, preocupada com a alfabetização, pensou em métodos e ensinamentos diferenciados para conseguir um bom rendimento. Entendi que, entre as questões fundamentais, está a necessidade de investimento na formação docente para acompanhar e sistematizar o processo de alfabetização.

Nesse sentido, nos meus últimos dias de regência absorvi e percebi que a preceptora buscava como referência, o apoio pedagógico das pesquisas e pesquisadores que se dedicam ao estudo da alfabetização, trabalhando na perspectiva de que “[...] a aquisição das habilidades de leitura e escrita depende muito menos dos métodos utilizados do que da relação que a criança tem desde pequena com a cultura escrita” (TEBEROSKY, 2003, p. 162). Para a educadora argentina, os recursos tecnológicos da informática podem proporcionar novos aprendizados, mas as práticas sociais, cada vez mais individualistas, não ajudam a formar uma comunidade alfabetizadora (TEBEROSKY, 2003).

Na realidade que pude compartilhar, a professora adotou e nos ajudou a adotar práticas de ensino, como a formação de grupos menores para as crianças terem oportunidades de falar e ler, criando um ambiente alfabetizador em sala de aula, disponibilizando textos, cartazes, imagens, promovendo momentos de contação de histórias, permitindo contato com diversos materiais e textos. Ela nos ensinou que a atitude positiva de um professor tem impacto na alfabetização do aluno, assim como afirma Teberosky (2003):

Acreditar que o aluno pode aprender é a melhor atitude de um professor para chegar a um resultado positivo em termos de alfabetização. A grande vantagem de trabalhar com os pequenos é ter a evolução natural a seu favor. Se não existe patologia, maus-tratos familiares ou algo parecido, eles são máquinas de aprender: processam rapidamente as informações, têm boa memória, estão sempre dispostos a receber novidades e se empolgam com elas. Um professor que não acha que o estudante seja capaz de aprender é semelhante a um pai que não compra uma bicicleta para o filho porque esse não sabe pedalar. Sem a bicicleta, vai ser mais difícil aprender. (TEBEROSKY, 2003, p. 164)

Na sala de aula, os alunos se mostraram estimulados e a professora mostrou-se atenta e disposta a ensinar. Ela desenvolveu um brilhante trabalho e me concedeu um espaço especial na sala de aula. Concluí minha regência com muita satisfação e aprendizado. E, a partir dessa primeira de muitas regências, vou me formando e me identificando cada vez mais com a Educação Básica.

Considerações finais

O Programa Residência Pedagógica foi fundamental para o crescimento intelectual dos acadêmicos envolvidos e para a formação continuada dos profissionais em exercício na escola. Esse processo educativo marcou a vida de cada um dos envolvidos do Programa, complementando o currículo da formação acadêmica e propiciando oportunidades de formação continuada para os professores da educação básica.

Particularmente cada experiência foi importante e revolucionária, consegui me identificar mais com a pedagogia e o interesse pela alfabetização de alunos tem crescido a partir da minha regência no PRP.

As propostas pedagógicas no decorrer do Programa foram surtindo efeitos positivos que somaram para o corpo docente e discente. Essa experiência inesquecível fez com que professores e residentes conhecessem novos recursos e novas visões de planejamentos para a alfabetização. Além de tudo, possibilitou para os residentes do PRP vivenciar as realidades das escolas e entender um pouco o funcionamento da educação no país.

Referências

- BRAGA, E. de M. Suportes Didáticos Virtuais: A Importância da Ergonomia Cognitiva na Elaboração e Uso das Tecnologias Digitais da Informação e da Comunicação na Educação. *Revista Vozes do Vale da UFVJM: Publicações Acadêmicas*, Diamantina, n. 3, p.1-16, 9, maio. 2013.
- DIOGO, M. F.; ASSIS, N. de. Atividades pedagógicas não presenciais em tempo de pandemia: Contribuições a partir da psicologia histórico-cultural. *Psicologia Política*. vol. 21. n.51. pp. 491-508. 2021.
- MINAS GERAIS. Secretaria de Estado de Educação. Resolução nº 4310, de 17 de abril de 2020. *Diário do executivo*, Belo Horizonte, MG, 18 de abril 2020.
- TEBEROSKY, A.; COLOMER, T. *Aprender a ler e a escrever*. Uma proposta construtivista. Porto Alegre, ArtMed: 2003.
- SOARES, Magda. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. *Revista Brasileira de Educação*, [s. l.], n. 25, 2004.
- TOMAZINHO, P. *Com aulas remotas, pais se reinventam para ajudar na educação dos filhos*. 27 Maio 2020. Disponível em: <https://www.diariodaregiao.com.br/cidades/2020/05/1195004-com-aulas-remotas-pais-se-reinventam-para-ajuda-na-educacao-dos-filhos.html>. Acesso em 13 jun 2022.